

O UNIVERSO MÍTICO EM OS AMBULANTES DE DEUS

Antônio Carlos Viana
UFSe

Hermilo Borba Filho firmou-se na literatura brasileira ao enfocar a realidade nordestina através de sua tetralogia *Um cavalheiro da segunda decadência*, numa linguagem, ao mesmo tempo, memorialista e contundente. Em seus outros livros, como *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo*, *As meninas do sobrado* e este que ora analisaremos, *Os ambulantes de Deus*, se bem que continuem tratando da mesma realidade, sua dicção se faz num outro nível. Nestes, o aproveitamento do maravilhoso, tal como aparece na literatura de cordel, aparece como um dos elementos mais importantes da narrativa.

Em *Os ambulantes de Deus*, o Autor desenvolve uma parábola sobre os párias da zona açucareira de Pernambuco num périplo pelo rio Una. O percurso que deveria ser concluído no espaço de cinco anos, estende-se por um tempo indefinido, indo desaguar na eternidade. Configura-se, assim, um universo mítico que teve como ponto de partida uma situação real.

O estudo que faremos partirá das relações estabelecidas entre o plano do real e o do maravilhoso, até chegar à manifestação do mito. As concepções de Mircea Eliade e Georges Gusdorf sobre o assunto servirão de fundamento para a interpretação desse universo simbólico que projeta sobre o real de que se origina, chaves para uma melhor compreensão dos conflitos sociais.

1. A ESTRUTURA DA NARRATIVA

1.1. A seqüência narrativa

Cinco pessoas, sob o comando do barqueiro Cipoal, empreendem uma viagem pelo rio Una, no interior de Pernambuco. Representantes das camadas mais baixas da população nordes-

tina, uma prostituta, Dulce-Mil-Homens, um folheteiro, Cachimbinho-de-Coco, um pedinte, Nô-dos-Cegos, um bicheiro, Amigo-Urso, e um calunga de caminhão, Recombelo, têm, a princípio, um destino determinado, mas, à medida que os dias se passam, os rumos tornam-se desconhecidos. Chegar ao lugar desejado torna-se uma possibilidade muito remota. No entanto, nenhum deles esboça o menor gesto de desespero, cedo acomodando-se com a nova vida que será passada totalmente dentro de uma jangada.

Fica patente, logo de início, o poder que Cipoal exerce sobre aqueles cinco viajantes. Ele sabe que, embora as águas do rio estejam em permanente movimento, a embarcação jamais sairá dali. Aos outros ele dá a ilusão de que estão indo na direção certa, não permitindo que nenhum deles se afaste da barca. Desde então, as fugas só se realizam através do sonho, abrindo-se, assim, o espaço para a manifestação do maravilhoso. E o erotismo surge como força animadora para que seja mantida a alegria inicial até o fim da viagem. Essa liberação dos instintos, através de Dulce-Mil-Homens, provoca o rompimento dos códigos sociais, passando aquele pequeno grupo a reger-se por leis próprias, diferentes do mundo das margens.

A novela divide-se em cinco capítulos correspondentes aos cinco anos da viagem. Cada ano será marcado por um acontecimento que tornará ainda mais difícil a vida dos ambulantes:

- 1º ano — a nuvem
- 2º ano — a calda
- 3º ano — a chuva
- 4º ano — a cheia
- 5º ano — o sol

Originários de uma região onde a divisão de classes é fortemente marcada, conhecedores do mundo da carência e afeitos a todo tipo de sofrimento, os passageiros de Cipoal não se assustam com os estranhos acontecimentos por que se verão envolvidos. Cada desgraça será apenas mais uma para o seu catálogo. Viverão no presente o mundo da abundância, embora de forma tão absurda quanto era a falta no mundo anterior. A cheia do rio, a calda que desce do engenho, a permanência do sol trazem consigo somente a destruição, nada os amedronta a ponto de fazê-los desistir da nova vida. Já acostumados com a divisão absurda do mundo entre donos de engenho, de um lado, e trabalhadores miseráveis, do outro, qualquer fato, por mais estranho que seja, logo é integrado ao

seu cotidiano. Só lhes resta apropriar-se de tal fenômeno e cada um fazer o uso que melhor lhe aprouver. Assim acontece com a nuvem que desce sobre a jangada no primeiro ano:

...mas a nuvem só desceu, envolvendo-os num nevoeiro denso, sufocante, não se via nada, gritavam e não se ouviam os gritos, era noite pesada, escura, de breu, pouco mais, quando se fez um pouco de claridade, Dulce-Mil-Homens viu que estava voando na nuvem e não teve mais medo... (Borba Filho, 1976:25).

Do alto, cada um descreverá a visão que tem do mundo, realizando, dessa forma, seus desejos mais urgentes. O maravilhoso irrompe, permitindo a existência de uma supra-realidade tão mais forte que aquela que lhe deu origem. Sempre que isso acontece, Cipoal encarrega-se de acordá-los para a realidade inicial.

Durante o decorrer da viagem, duas festas aparecerão com regularidade: o carnaval e o Natal. Enquanto este é anunciado somente aos ocupantes da barca, aquele é vivido de forma desregrada por todo o povo que se aglomera na margem esquerda do rio. Nos dois primeiros anos, há uma hipervalorização do carnaval que, com o decorrer do tempo, desaparecerá por completo, cedendo maior espaço para o Natal. A celebração desses dois eventos será o único marcador da passagem do tempo que se apresenta circular, fechado.

Ao fim do primeiro ano com o nascimento do Menino dentro da jangada, um acontecimento inesperado fará com que Cipoal pare de navegar: o engenho despeja toda a sua calda no rio, apodrecendo as águas, matando os peixes e as plantas. Ninguém se aventura a pensar que é possível sair daquele lodaçal. O barqueiro, numa analogia com o gesto de Cristo, consegue caminhar por sobre aquelas águas:

Cipoal deixou a jangada e caminhou por cima dos peixes mortos, sondando o terreno, indo até onde devia ir, o exame da situação deixando-o mais satisfeito do que permitiam as aparências. (Borba Filho, 1976:52)

O segundo ano é marcado por essa impossibilidade de prosseguir viagem. Cipoal afirma-se como líder e consegue manter os seus companheiros calmos. Só ele tem consciência de que aquela travessia e o acúmulo de pragas são importantes para a salvação de todos. Sabe do destino, da passagem do tempo e da ilusão de movimento que tem de dar os outros para que o desespero não tome conta deles. O fim dos sofrimentos daquele ano só se dá quando o corpo do usineiro a-

parece boiando, arrastando consigo a sujeira do rio. Cipoal sorri, dono da situação.

Enquanto a normalidade não se estabelece completamente, o povo espera ansioso o momento de, livre daquela calamidade, dançar o carnaval. E assim que tudo passa,

Durante toda noite houve festas com foguetório e música, era o que ouviam da jangada e se sentiam muito felizes, muito mais quando alguns moços nadando, chegaram até eles levando broas, manaués, bolos de milho, fruta-pão assado. (Borba Filho, 1976, 54).

No Natal desse ano, o Menino já aparece maior, não se satisfazendo mais em ser alvo de contemplação. Quer participar da vida em comum e de todos os acontecimentos da viagem. Dulce-Mil-Homens e Cipoal o atraem mais que os outros.

Ao chegar no terceiro ano, o carnaval já não exerce o mesmo fascínio dos anos anteriores. Não dura mais que o tempo de um sono. Quando acordam, vêem que a festa já passou, "mas estavam animados, esperançosos" (Borba Filho, 1976:61). Cipoal acha que não é tempo de ir adiante e resolve parar. Do céu cai uma chuva miúda, diferente de qualquer outra:

E o que se via então era: chuva na diagonal da direita, chuva na diagonal da esquerda, a jangada ficando numa espécie de cone cuja base era ela e que se abria desmesadamente para cima, só resta direção se vendo o céu limpo, sempre azul, e assim foi até à noite, quando neste espaço as estrelas nasceram e luziram chuva fininha dos lados... (Borba Filho, 1976:89).

A chuva corre depois na horizontal, por cima da jangada, fechando o cone. Das faixas horizontais surgem pássaros coloridos durante três dias e três noites. No quarto dia, cai verticalmente formando uma cortina impenetrável para quem estivesse fora da jangada. Somente após quarenta dias e quarenta noites é que cessa a chuva. É de novo Natal. No presépio armado na popa da embarcação, os animais adquirem vida. O Menino, já grande, compartilha dos sentimentos dos viajantes.

No quarto ano, o carnaval não existe mais com a força de antes. A viagem torna-se triste e os ambulantes terão de levá-la adiante dessa maneira. Nas margens do rio, estoura uma revolução. O rio começa a subir ameaçando romper a corrente com que a jangada está amarrada a um mourão. Apesar das desgraças, Cachimbinho-de-Coco escreve uma peça de teatro reproduzindo a realidade deles e dos "marginais", a fim de

diverti-los. Os espectadores são reprimidos pelas forças policiais. A barca consegue escapar do tiroteio e perde-se na escuridão. No outro dia, amanhece envolta numa névoa, protegida pela Natureza. Chega mais um Natal. Desta vez, porém, o Menino não vem. O desânimo toma conta dos passageiros de tal forma que "nem viram como a jangada corria abertamente e as águas não passavam" (Borba Filho, 1976).

Assim como o carnaval passara sem deixar marcas, o mesmo acontecerá com o Natal. Este quarto ano serve de fronteira entre um tempo passado, onde predominam os ritos pagãos, e um tempo futuro, onde os valores cristãos serão os únicos a existir.

É no quinto ano que os sobreviventes percebem o quanto estão distanciados das margens e completamente desfigurados. O carnaval soa-lhes como uma festa perdida no tempo. Só o Natal é que os faz sair daquele letargo. O Menino fecunda Dulce-Mil-Homens que, seis meses depois, começa a dar à luz uma criança a cada quinze dias. Desde o nascimento do primeiro filho do Menino-Pai até o dia de Natal, o sol não se põe. Cipoal encarrega-se de colocar cada menino que nasce, dentro de uma cestinha de junco que segue rio afora para o "abreu". No Natal, o Menino-Pai presenteia a todos, restituindo a Dulce-Mil-Homens sua virgindade. A viagem prossegue em direção a um tempo e espaço desconhecidos. As margens estão vazias. Nenhum vestígio do povo. O mundo retorna aos seus começos.

A partir dessa seqüência narrativa, concluímos que há uma trajetória imposta aos ambulantes no sentido de instaurar um novo tempo onde predominem valores humanos autênticos. Verifica-se isso pela alternância das duas festas, o Natal e o carnaval, com a posterior predominância do primeiro. Enquanto o carnaval percorre o caminho da desintegração, o Natal percorre o da integração, como veremos no quadro abaixo:

	CARNAVAL	NATAL
1º ano	integração total	contemplação
2º ano	integração total	início de integração
3º ano	início de desintegração	Integração parcial
4º ano	Intermezzo	intermezzo
5º ano	desintegração	Integração total

1.2. As epígrafes e a estruturação do texto

Entre a fuga dos nordestinos e a dos hebreus, estabelece-se uma analogia que se configura no uso das epígrafes retiradas do segundo livro da Bíblia, o Êxodo. A epígrafe do primeiro ano pergunta:

Quem fez a boca do homem? Ou quem formou o mudo e o surdo, o que vê e o que é cego?

As interrogações nos abrem um universo problemático onde as oposições radicais existem independentemente da vontade do homem. Ao se interrogar, o homem procura uma resposta para aquilo que o atormenta. Em **Os ambulantes de Deus**, a escolha daquelas cinco pessoas chefiadas por Cipoal para empreenderem uma viagem *ad infinitum*, é uma tentativa de se responder àquelas perguntas iniciais.

A essa epígrafe juntam-se três outras correspondentes ao segundo, terceiro e quarto anos, relacionadas com a avalanche de pragas que cai sobre a região:

Eis que ferirei com a vara, que tenho na minha mão, a água do rio e ela se converterá em sangue. Os peixes também que há no rio morrerão e as águas se corromperão. (Borba Filho, 1976:31)

Eis que amanhã, a esta mesma hora, farei chover granizo abundantíssimo, que não se viu nunca. (Borba Filho, 1976:57)

... e houve grande clamor (...) porque não havia casa onde não houvesse um morto. (Borba Filho, 1976:95)

A situação inicial da escolha dos passageiros só fica esclarecida quando lemos a epígrafe final:

Venha sobre eles o medo e o pavor, à vista da grandeza do teu braço; tornem-se imóveis como uma pedra, até que passe o teu povo, ó Senhor, até que passe este teu povo que adquiriste. (Borba Filho, 1976:123)

Fica bem clara a divisão entre eleitos e não-eleitos. Estes terminam por se transformar em pedras enquanto aqueles se colocam sob a proteção de Deus. A preposição existente no título da novela remete para essa significação. Os ambulantes passam a ter uma estreita relação com as forças divinas. Assim como o Salvador saiu de entre os Hebreus, da jangada sairão os Meninos.

Além das epígrafes, há outros pontos de contato entre o livro do Êxodo e **Os ambulantes de Deus**, como o aparecimento da nuvem:

Então a nuvem cobriu a tenda da congregação e a glória do Senhor encheu o tabernáculo (...) a nuvem ficava sobre ela e a glória do Senhor enchia o tabernáculo. (Exodus, XL, 36)

Ficou aí (a jangada) porque a nuvem se avolumou mesmo (...) mas a nuvem só desceu, envolvendo-os num nevoeiro denso, sufocante... (Borba Filho, 1976:25).

Em várias passagens, essa proteção natural do universo isola a embarcação da paisagem circundante, fazendo emergir uma série de elementos que propiciam a manifestação do mito.

O que vemos, então, é a organização de um universo simbólico centrado na reiteração de motivos característicos de uma narrativa mítica. O maravilhoso será o seu ponto de partida. Sabemos que este, por si só, "não é suficiente para aproximar uma narrativa dos relatos míticos" (Zilberman, 1973:84).

Mircea Eliade, em **Mito e realidade**, diz que

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (1972:11)

Em **Os ambulantes de Deus**, tudo se encaminha para a criação de um mundo novo através da destruição do antigo, onde prevaleciam estruturas incompatíveis com a dignidade humana. O mito aí se manifesta através dos seus três componentes básicos, o espaço, o tempo e o rito, numa tentativa de equacionar os antagonismos sociais.

2. O UNIVERSO MITICO

2.1. O espaço

O rio Una será o espaço privilegiado para a travessia dos eleitos. Para melhor compreendermos a significação desse espaço sagrado, é preciso reportarmo-nos às referências que fazem os pré-socráticos à água. Tales de Mileto diz que é ela o princípio de todas as coisas. Tudo no universo é arrastado como se fosse um fluxo d'água. Nossa existência está vinculada a esse elemento primordial do cosmos. O Uno, o único sábio para Heráclito, transparece na nomeação do rio. Para este filósofo "todas as coisas são um" (Bornheim, 1967:39), havendo uma relação profunda entre a água, a alma e a morte:

Para as almas, morrer é transformar-se em água; para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água, a alma. (Bornheim, 1967:39)

No Una, os ambulantes vão sofrer a sua metamorfose, a sua experiência. Passarão a viver ali *ad aeternum* a simbiose homem/cosmos. Cada ano vivido será para eles o despojamento de sua pele anterior a fim de adquirirem vida nova. E isso só se dá quando o espaço particular também sofre sua transformação em relação ao todo.

O rio estabelece um princípio de organização, colocando-se como divisor entre as duas margens: a do povo e a do poder. Sacraliza-se ao romper a homogeneidade do mundo, constituindo-se como universo autônomo. Nele o macrocosmo será vivido microcosmicamente. Será o palco para a representação dos conflitos sociais cuja solução só será resolvida no plano cosmológico. Reflete-se em suas águas a divisão daquela sociedade em classes estanques: o povo sempre na margem esquerda, o patrão na margem direita e, no centro, a jangada. As conotações políticas tornam-se evidentes através dessa especialização das personagens. Há uma relação de significação entre continente e conteúdo.

Sobre essa interação homem/espaço assim se manifesta George Gusdorf (s/d:55):

Poder-se-ia falar, pois, aqui de um espaço antropológico, acorde com o grupo humano no qual é uma das cifras. O espaço não é o marco de uma existência possível, senão o lugar de uma existência real que lhe dá sentido. (...) A realidade geográfica não existe em si mesma, independente da realidade humana.

Ao passar de lugar cotidiano a lugar sagrado, o rio expõe de modo mais contundente as contradições do mundo profano. A sua cosmicização transforma-o em réplica não só daquela estrutura social mas também de todo o universo. O real é desvelado em sua totalidade. Diz ainda Gusdorf (s/d:59) que ao se sacralizar determinado espaço, ele se torna "o lugar por excelência do encontro do homem com o divino".

A medida que Cipoal transforma a ilusão de estar navegando em uma realidade irrefutável, os laços entre os seus comandados e Deus se tornam mais firmes e permanentes. O divino se insinua por contigüidade através do domínio da natureza. A relação inicial homem/rio amplifica-se para homem/cosmos. Ao perderem suas características humanas, os passagei-

ros perdem sua ligação com o mundo das margens e passam a ser receptores e transmissores da energia cósmica. Até chegar a esse ponto, foram percorridos três momentos, a saber:

1º momento	A Eleição	Inclusão no mundo natural
2º momento	A Purgação	Submissão ao mundo natural
3º momento	A Assunção	Integração ao mundo natural

O momento da Assunção, quando os ambulantes são "adquiridos" por Deus (realiza a absorção do humano pelo divino, abolindo, assim, as dicotomias iniciais. O mundo volta ao Nada, ao tempo inaugural.

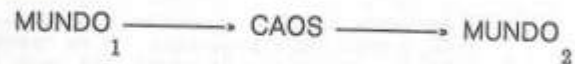
2.2. O tempo

Os cinco anos em que se divide a viagem em **Os ambulantes de Deus** não correspondem a cinco períodos de trezentos e sessenta e cinco dias. O marcador dessa defasagem entre o tempo do calendário e o da estória é fornecido pelo nascimento e crescimento do Menino. Nesse curto espaço de tempo ele passa de Filho a Pai. Da circularidade temporal estabelecida pelas idas e vindas do carnaval e do Natal, chega-se, ao fim, a uma nova linearidade histórica. O Natal passa a ser vivido não mais anualmente, mas a cada quinze dias. Será, dessa maneira, vencido o círculo vicioso imposto pela sociedade que estabelecia uma ordem imutável para o mundo. O nascimento contínuo dos meninos no último ano aponta para a fundação de um tempo novo:

... foi só Dulce-Mil-Homens acomodar o primeiro menino na cestinha, depositá-la no rio e a suave corrente encarregar-se de levá-la para baixo, iria para o abreu... (Borba Filho, 1976:144).

Os filhos de Dulce-Mil-Homens são, devido às circunstâncias do seu nascimento, colocados na escala dos heróis, conforme estudos de Otto Rank. Segundo este Autor, um dos pontos essenciais do mito do herói está na descendência de pai nobres, no abandono dentro de uma cesta no rio, na adoção por pais de condição humilde e, finalmente, no regresso aos pais originais. (Rank, s.d.: 79-114)

Aqui, a trajetória se faz em sentido inverso. Os meninos nascem de pais humildes e se encaminham para o "abreu", num regresso ao informe, ao desconhecido. A palavra abreu está relacionada com o caos, o breu, a noite dos tempos. Indica um retorno **ab ovo**. O mito é instaurado inversamente. No princípio era o mundo que se encaminhou para o caos a fim de se alcançar um outro tempo. Teremos, então, a seguinte seqüência:



onde o mundo₁ é o mundo real e o mundo₂, o original.

O novo tempo não será, portanto, a continuidade do anterior. Desaparecidos os sinais da civilização, a jangada penetra no Sem-Tempo, numa similitude com a barca de Caronte. O tempo profano foi absorvido pelo Grande Tempo, assim descrito por Mircea Eliade (1972:21):

O tempo mítico das origens é um tempo "forte", porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos entes sobrenaturais. (...) Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao "viver" os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo "sagrado", ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável.

2.3. O rito

O que distingue o mito de uma lenda ou de um simples relato metafórico é o fato de ele estar ligado a um rito, a uma ação religiosa. Como vimos, o Natal é vivido ritualisticamente pelos viajantes de forma intensiva no quinto ano.

Pela celebração contínua dessa festa, o futuro se delinea ao mesmo tempo como projeção para diante e regressão ao embrionário. Gesta-se um universo de valores desconhecidos para aqueles homens sobreviventes de um mundo totalmente perdido. O Menino que nasceu no primeiro ano engendra novos meninos que seguem pelas águas do Una na direção do caos. Filho e Pai são a mesma pessoa. As cerimônias do Natal, fora da época pré-estabelecida, quebram a rigidez do calendário humano, desestabilizando o mundo profano para restaurar o equilíbrio cósmico. Dissocia-se pelo rito, de uma vez por todas, o vínculo entre passado e presente. O mundo histórico cede lugar ao mundo mítico.

O mundo histórico fornece, através da celebração das festas, os elementos de sua própria dissolução. O carnaval e o Natal, servindo como parada obrigatória no tempo, permitem que se vá além do mundo empírico, do aqui e do agora. Existe um nexo entre o espírito lúdico que anima o povo e os ambulantes e a se vá além do mundo empírico, do aqui e do agora. Existe um nexo entre o espírito lúdico que anima o povo e os ambulantes e a sensibilidade cósmica:

A festividade, com seus ingredientes essenciais — o excesso, a celebração e justaposição — é ela mesma um ingrediente essencial da vida humana. Sua perda afeta as raízes do homem no passado e recebe o seu avanço para o futuro. (Cox, 1974:30)

Ao perderem o sentido dionisíaco da vida com o desaparecimento do carnaval, os cinco passageiros de Cipoal superaram os limites do seu próprio corpo e do seu próprio tempo. Dissó resultam o rompimento com o mundo real, histórico, circular e a instauração do mundo original, a-histórico e aberto.

3. CONCLUSÃO

Do ponto de partida, a realidade nordestina, ao ponto de chegada, o mito cosmogônico, desenvolve-se a travessia dos marginais de uma sociedade em busca da superação de seus problemas. Sem alternativas para melhorar sua condição naquela sociedade estratificada, o maravilhoso surge, a princípio, como única forma de se fugir à realidade opressora, para depois firmar-se como universo autônomo. O imaginário abre as possibilidades que o real nega. Ao se distanciarem do mundo das margens, passam a habitar um universo renovado, com um tempo e espaço próprios.

Da comparação inicial dos ambulantes com os hebreus, da perda do sentido dionisíaco da vida à absorção de uma liturgia cristã, da submissão à fantasia ao distanciamento do real, configura-se um universo simbólico onde a ordem original é invertida. No princípio não é mais o caos, mas o mundo injusto socialmente. A ação encaminha-se para a destruição desse mundo e restauração de um outro em suas origens. O mito aparece pelo avesso. Os ambulantes só chegam ao seu destino quando o seu mundo já não mais é. Despojados de qualquer vínculo com o passado, passam a viver no *in illo tempore*, no "abreu".

Hermilo Borba Filho, partindo do mundo absurdo regido pelas desigualdades sociais, faz com que elementos do mara-

vilhoso local assumam características universais, construindo uma narrativa mítica a partir do regional. A reiteração de motivos como a sacralização do espaço, a ritualização do Natal e a quebra da cronologia oficial, circunscreve a estória fora dos parâmetros do realismo, esvaziando os referentes externos. A geografia e a história são pontos de referência somente num primeiro momento. À medida que o texto cria sua própria referencialidade no espaço mágico, o mundo exterior só existe enquanto refletido no simbólico. Os viajantes, que nunca saíram do mesmo lugar durante os cinco anos, despessoalizam-se e se alçam como símbolos do homem atemporal e anespacial. Já não se trata mais do rio Una no interior de Pernambuco, mas das águas do mundo renovado trazendo em seu fluxo a possível purificação da raça humana. Deus assume, por fim, os seus ambulantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIBLIA SAGRADA. São Paulo, Abril Cultural, 1965.
2. BORBA FILHO, Hermilo. *Os ambulantes de Deus*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
3. BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo, Cultrix, 1967.
4. COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Petrópolis, Vozes, 1974.
5. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
6. GUSDORF, Georges. *Mito y metafísica*. Buenos Aires, Editorial Nova, s/d.
7. RANK, Otto. *El mito del nacimiento del heroe*. Buenos Aires, Paidós, s/d.
8. ZILBERMAN, Regina. *Salamanca do Jarau: sentido e estrutura de lenda*. In: FILIPOUSKI, Ana Marisa et alii. *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre, Movimento, 1973.